

**LIBERDADE PARA ALÉM DO HUMANO**

**LIBERTAD MÁS ALLÁ DE LO HUMANO**

**FREEDOM BEYOND THE HUMAN**

**Enviado: 12.09.24    Aceptado: 25.02.25**

**Filipe Smidt Nunes**

Mestre e Doutorando em Letras – Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS – CAPES/PROEX) – Brasil.

E-mail: [filipesmidtnunes@gmail.com](mailto:filipesmidtnunes@gmail.com)

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

No presente ensaio, busca-se – através de referenciais tanto teóricos quanto artísticos – pensar a extensão da liberdade para além do humano, tensionando o olhar hegemônico atual, que parece nos levar ao colapso e ao aniquilamento das formas de vida – presentes e/ou futuras. Assim, com a exposição do *status quo* dominante e dominador, mas também procurando pensar novas formas de olhar para o mundo e como coabitá-lo, pretende-se demonstrar que a liberdade não deve ser entendida como atributo exclusivo dos seres humanos, mas de todos os viventes que compartilham conosco este planeta e da própria Terra. Diante deste quadro, propõe-se não apenas o exame a partir de textos filosóficos, cosmovisões indígenas e quilombolas, mas também canções, literatura em prosa e poemas.

**Palavras-chave:** Antropoceno, liberdade, animais não humanos, Terra.

En este ensayo buscamos– a través de referentes tanto teóricos como artísticos– pensar en la extensión de la libertad más allá de lo humano, tensionando la visión hegemónica actual, que parece conducirnos al colapso y aniquilación de formas de vida– presentes y/o futuras. Así, al exponer el *status quo* dominante y dominador, pero también al intentar pensar en nuevas formas de mirar el mundo y cómo convivir en él, pretendemos demostrar que la libertad no debe entenderse como un atributo exclusivo de los seres humanos, sino como todos los vivos que comparten este planeta con nosotros y la Tierra misma. Ante esta situación, se propone examinar no sólo textos filosóficos, cosmovisiones indígenas y quilombolas, sino también canciones, literatura en prosa y poemas.

**Palabras clave:** Antropoceno, libertad, animales no humanos, Tierra.

This essay seeks – through both theoretical and artistic references – to think about the extension of freedom beyond the human, challenging the current hegemonic view, which seems to lead us to the collapse and annihilation of life forms – present and/or future. Thus, by exposing the dominant and dominating *status quo*, but also by seeking to think of new ways of looking at the world and how to cohabit it, we intend to demonstrate that freedom should not be understood as an exclusive attribute of human beings, but of all living beings who share this planet with us and the Earth itself. In view of this framework, we propose not only an examination based on philosophical texts, indigenous and quilombola worldviews, but also songs, prose literature and poems.

**Keywords:** Anthropocene, freedom, non-human animals, Earth.

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

Pedro Rubro não era um investigador do comportamento primata, mas um animal marcado e ferido apresentando-se como testemunha falante diante de uma plateia de académicos. Não sou um filósofo da mente, mas um animal que quer mostrar, e ao mesmo tempo não o quer, perante uma plateia de académicos, uma ferida que oculto sob minhas roupas, mas que toco a cada palavra que pronuncio.

J.M. Coetzee em *A vida dos animais*

Do fundo do meu coração  
Essa aqui vem do meu coração  
Do mais profundo canto em meu interior, ô  
Pro mundo em decomposição  
(Essa aqui também é uma forma de oração)  
Escrevo como quem manda cartas de amor  
Emicida em Cananéia, Iguape e Ilha Comprida

Não causa qualquer escândalo, no atual estado da sociedade humana, que a vida se compra e se vende. Em caminho firme até o aniquilamento total, algumas perguntas se levantam, inofensivas e, ao mesmo tempo, amedrontadoras frente ao *status quo* dominante e dominador. Algumas delas: de que se trata a liberdade? Quem, entre nós, é livre, afinal?

103

Nesta comercialização, até mesmo, do próprio conceito de liberdade, parece indesejável que a transformação da vida em objeto passa, necessariamente, pelas lógicas de destruição das diferenças:

O processo é sempre o mesmo das lógicas de destruição: a transformação da *diferença* como distinção lógica e evidente por si mesma em *indiferença* moral e antivital, tal como as próprias palavras ‘diferença’ e ‘indiferença’, coloquialmente, já evocam isolada e independentemente de sutilezas analíticas. Trata-se, como é fácil de perceber, do mundo sonhado por M. Friedman, a metafísica do ser humano que só se compreende como *compra e venda contínua de si mesmo* e que não existe – ou é faticamente irrelevante – se não se constituir exatamente dessa forma de escravidão absoluta a essa ideia, à qual, interessantemente, ele denomina ‘liberdade’. (Souza, 2020, p. 134)

Mas, embora o tema da *compra e venda de si mesmo* pelos humanos seja relevante, não é ele que pretendo desenvolver, neste momento. Há séculos, o questionamento sobre o conceito e prática da escravidão passa pela forma como sociedades humanas trataram os outros humanos, desconsiderando por completo a dominação de outras formas de vida.

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

De início, quero ressaltar que não pretendo adentrar em nenhuma questão quanto às formas distintas que a escravidão humana se colocou no decorrer dos séculos, apenas pontuar que, na raiz da questão, a lógica parece a mesma.

Retornando: o estudo da escravidão, vez após outra, desconsidera formas de dominação outras que não humanas. Neste ponto, é certo, a maioria não discorda ou questiona. Mesmo nas esferas mais progressistas de pensamento, muitas vezes as diferenças entre os humanos se resolvem na semelhança: deve-se respeitar o Outro porque o Outro é humano, ou seja, meu semelhante. Em outras palavras: o Outro é, na verdade, o Mesmo.

Assim, a liberdade seria um bem atingível apenas aos Homens, afinal, livre, mais do que a característica de quem pode dispor sobre si mesmo e não está submetido a outro, carregaria consigo uma noção de autonomia, ou seja, de que não há, na relação estabelecida, dominação de um sobre o outro. Não caberia, portanto, questionar a hipótese de que a liberdade é humana, porque nos acostumamos a entender aquilo que é correlato do nosso intelecto todo-poderoso como *coisa*:

A primeira questão que se coloca parece ser também uma das principais: afinal, *quem é o animal?* Esta questão parece ser imprópria em muitos sentidos, pois nos acostumamos, ao longo dos séculos, a *coisificar* o que estabelecemos como correlato de nosso intelecto todo-poderoso; a pergunta poderia soar, no máximo, como “o que é um animal”. E, não obstante, pretendemos argumentar neste texto em favor de uma radical reordenação axiológica, que estabeleça os animais como *também* depositários de uma estrutura correlacional de alteridade irreduzível à simples simetrização do logos classificador. (Souza, 2016, p. 261)

*Coisificar* a existência, tornar a vida em objeto, assemelha-se muito ao conceito de escravidão trazido por Ricardo Timm de Souza (2024), em seu recente livro *Filosofia da Escravidão*: “a *objetificação* de um ser vivo que exige o esvaziamento completo de si mesmo ao tornar-se inteiramente ‘para outro’, ou seja, para seu dono e senhor; sua existência é absolutamente dependente da vontade poderosa que o *possui*” (pp. 18-19).

O conceito, em toda sua amplitude, encaixa-se perfeitamente às diversas formas de exploração nas quais os animais não humanos e o mundo natural foram e são submetidos pelo Homem. Ainda, não se afasta muito do que escrevem Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri:

Em todos os campos a relação com os animais é a mesma relação básica do capitalismo, a saber, relação de propriedade. Nessa relação, o animal é tido como *coisa*. E *coisa*, todos sabem, é *algo* e não *alguém*. Se *coisa* não é *alguém*, então não tem

## **Liberdade para além do humano**

Filipe Smidt Nunes

dignidade própria, e se não tem dignidade própria, não tem valor em si, e o único valor é o seu preço, que é dado por seu proprietário. Essa relação de propriedade afetou profundamente as relações humanas do passado e ainda as afeta, em grande medida, no presente: o escravo, o empregado, o filho, a mulher, todos foram tratados como instrumentos e propriedades, como continuam a ser tratados o boi e os animais em geral. Há um fundo comum, que produz sofrimento e morte. (Susin e Zampieri, 2015, p. 28)

Essa relação básica do capitalismo, a sujeição do Outro à vontade de seu senhor, não costuma ser – no caso dos animais não humanos – tensionada. Coube a alguns poucos refletir sobre esta promessa de felicidade contida na ideia de submissão. Tolstói, inclusive, decidiu questionar o direito de propriedade humano a partir de Kholstomér, um cavalo:

Mas, naquele momento, não houve jeito de entender o que significava me chamarem de propriedade de um homem. As palavras “meu cavalo”, referidas a mim, um cavalo vivo, pareciam-me tão estranhas quanto as palavras “minha terra”, “meu ar”, “minha água”.

No entanto, estas palavras exerciam uma enorme influência sobre mim. Eu não parava de pensar nisso e só muito depois de ter as minhas diversas relações com as pessoas compreendi finalmente o sentido que atribuíam àquelas estranhas palavras. Era o seguinte: os homens não orientam suas vidas por atos, mas por palavras. Eles não gostam tanto da possibilidade de fazer ou não fazer alguma coisa quanto da possibilidade de falar de diferentes objetos utilizando-se de palavras que convencionaram entre si. Dessas, as que mais consideram são “meu” e “minha”, que aplicam a várias coisas, seres e objetos, inclusive à terra, às pessoas e aos cavalos. Convencionaram entre si que, para cada coisa, apenas um deles diria “meu”. E aquele que diz “meu” para o maior número de coisas é considerado o mais feliz, segundo esse jogo. Para quê isso, não sei, mas é assim. (Tolstói, 2003, pp. 74-75)

Não apenas propriedades, mas produtos fabricados, segundo Marguerite Yourcenar:

Essa relativa “normalidade” já não é tão comum entre nós, onde uma pavorosa superprodução (que ao fim também avilta e mata o homem) faz dos animais produtos fabricados em série, que vivem sua pobre e curta existência (é preciso que os granjeiros recuperem seus gastos o mais cedo possível) no insuportável clarão das lâmpadas elétricas, atulhados de hormônios cujos perigos sua carne nos irá transmitir, pondo ovos e “sujando em cima deles” (...), privados, no caso das aves confinadas, até dos bicos e das garras que, nessa horrível vida de pacotes, fariam voltar contra suas companheiras de misérias.

(...) a horrível matéria-prima animal é um produto novo, como a floresta aniquilada que fornece a pasta necessária aos nossos jornais diários e semanários, repletos de anúncios e falsas notícias; como os oceanos em que os

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

peixes são sacrificados aos petroleiros. Durante milênios, o homem tem considerado o animal como propriedade sua, só que subsistia um certo contato entre ambos. (...)

Modificamos tudo isso: as crianças das cidades jamais viram uma vaca ou uma ovelha; e não podemos amar esses seres dos quais nunca tivemos ocasião de nos aproximar ou que jamais acariciamos. (Yourcenar, 2018, pp. 92-94)

A violência industrial, mecânica, química, hormonal, genética, à qual o homem submete a vida animal, há séculos, foi bem sintetizada por Derrida:

Ninguém mais pode negar seriamente a negação. Ninguém pode negar seriamente e por muito tempo que os homens fazem tudo o que querem para dissimular ou para se dissimular essa crueldade, para organizar em escala mundial o esquecimento ou o desconhecimento dessa violência que alguns poderiam comparar aos piores genocídios (existem também os genocídios animais: o número de espécies em via de desaparecimento por causa do homem é de tirar o fôlego). Da figura do genocídio não se deveria nem abusar nem se desembaraçar rápido demais. Porque ela se complica aqui: o aniquilamento das espécies, de fato, estaria em marcha, porém passaria pela organização e exploração de uma sobrevivência artificial, infernal, virtualmente interminável, em condições que os homens do passado teriam julgado monstruosas, fora de todas as normas supostas da vida própria aos animais assim exterminados na sua sobrevivência ou na sua superpopulação mesmo. Como se, por exemplo, em lugar de jogar um povo nos fornos crematórios e nas câmaras de gás, os médicos ou os geneticistas (por exemplo, nazistas) tivessem decidido organizar por inseminação artificial a superprodução e supergeração de judeus, de ciganos e de homossexuais que, cada vez mais numerosos e mais nutridos, tivessem sido destinados, em número sempre crescente, ao mesmo inferno, o da experimentação genética imposta, o da exterminação pelo gás ou pelo fogo. Nos mesmos abatedouros. Não abusarei da facilidade com a qual poder-se-ia atribuir as evidências que evoco aqui toda sua carga patética. Todo mundo sabe que terríveis e insuportáveis quadros uma pintura realista poderia fazer da violência industrial, mecânica, química, hormonal, genética, à qual o homem submete há dois séculos a vida animal. E o que se tornaram a produção, a criação, o transporte e o abate desses animais. (Derrida, 2002, pp. 52-53)

Embora esta questão apareça sobre muitas e variadas formas, gostaria de tratar de uma menos pensada, a *domesticação*, porque se torna complexa em razão da relação estabelecida entre os humanos e algumas espécies de animais não humanos, de modo que muitas delas não possuem, nem mesmo, capacidade de sobreviverem em seu *habitat* natural. Segundo John Berger:

As pequenas unidades habitadas pelas famílias carecem de variações sazonais e climáticas, espaço e solo. O animal é esterilizado ou vive em clausura sexual, exercita-se muito pouco, é privado do contato com outros animais e nutre-se de

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

alimento processado. É esta a base material por trás do truísmo de que os animais de estimação acabam parecidos com seus donos ou suas donas. Eles são crias do modo de vida de seus proprietários.

Igualmente importante é o modo como a média dos donos entende seu animal. (As crianças são, por um breve momento, uma exceção.) O animal *complementa* o dono, respondendo a aspectos de seu caráter que de outra maneira permaneceriam incompletos. O dono pode ser, para seu animal, aquilo que não é com ninguém mais. Além disso, o animal pode ser condicionado a reagir como se estivesse consciente disso. O animal de estimação oferece ao dono um espelho que reflete aspectos seus que de outro modo permaneceriam opacos. Mas, como nessa relação a autonomia de ambas as partes se perdeu (o dono se tornou o-homem-especial-que-ele-é- apenas-para-seu-animal, e o animal acabou dependendo dele para as necessidades físicas), o paralelismo entre suas vidas individuais foi destruído. (Berger, 2021, pp. 29-30)

É claro, é possível relacionar-se com os bichos (até mesmo nos meios urbanos) de modos diversos, não como propriedades, mas como sujeitos. Mesmo assim, o peso do modo como estas espécies foram tratadas no decorrer dos séculos, inclusive com modificações genéticas, revela o traço de sujeição, sintoma da visão de domínio humano.

Não se deve desviar do caso de algumas “pet shops” que – alertadas sobre as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, estado ao sul do Brasil – abandonaram os animais em suas lojas, como mais uma categoria de mercadoria. Mas não apenas isso: uma dessas lojas deu prioridade ao resguardo de computadores, que foram levados até um andar superior, com risco menor de alagamento, do que aos próprios animais, deixados para enfrentar em gaiolas a subida das águas (Villarroel, 2024). Todos os bichos morreram afogados e a quase totalidade da imprensa – não fosse a comoção de muitos com os regastes ocorridos – trataria este absurdo somente como prejuízos materiais, como exaustivamente fez com as mortes de bois, porcos, aves, etc.

A literatura, novamente, nos socorre. Mr. Bones, cachorro acostumado a andar pelas estradas com seu melhor amigo, o poeta Willy G. Natal, é obrigado a fazer concessões para ser recebido por uma família que resolve lhe adotar:

Ele se integrou ao ritmo da vida doméstica, habituou-se ao vaivém ao seu redor, entendeu a diferença entre os dias úteis e os fins de semana, o ruído dos ônibus escolar em oposição ao barulho do caminhão de entregas, os cheiros dos animais que viviam no bosque em torno do quintal (...). (Auster, 1999, pp. 119-120)

Entretanto, aos olhos do cão, era muito melhor viver com autonomia, como vivia antes de Willy morrer:

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

Tudo bem, eles iam voltar. Mr. Bones estava bem seguro disso agora, mas não significa que não preferisse ir com eles. Não que morresse de vontade de ficar engaiolado em um quarto de hotel na Flórida ou de viajar no compartimento de bagagens dos aviões, mas era o princípio geral da coisa que o incomodava. Willy jamais o deixara para trás. Nem uma vez, em nenhuma circunstância, e ele não estava acostumado a esse tipo de tratamento. Talvez tivesse sido mimado, porém, no seu modo de ver, a felicidade canina não se limitava simplesmente a ser querido. A gente também tinha de se sentir necessário. (Auster, 1999, p. 130)

Mimado, para o cão, não era ter brinquedos, um gramado, uma cama confortável. Mimado era *viver com* o Outro. Livre. Mimar, assim, mais do que enchê-lo de “propriedades”, era tratá-lo como um sujeito. É reconhecer, numa relação de carinho, o Outro como sujeito.

Ao final, mesmo com Willy de seus sonhos (ou pesadelos) tentando lhe convencer a voltar aos seus novos tutores para ficar em segurança, o cão – cuja autonomia é recobrada – decide viver livre, seguindo o amigo para “a terra das palavras e das torradeiras transparentes, a terra das rodas de bicicleta e dos desertos ardentes onde cães e homens conversavam de igual para igual” (Auster, 1999, p. 143).

Também é assim a relação de Tereza com a cadela Kariênin, em *A insustentável leveza do ser*:

E mais uma coisa: Tereza aceitou Kariênin tal qual é, não procurou transformá-la para que ficasse semelhante a si própria, aceitou de antemão seu universo de cachorra, não quer lhe confiscar nada, não sente ciúmes de seus desejos secretos. Se a educou, não foi para mudá-la (como um homem quer mudar sua mulher e uma mulher seu homem), mas apenas para lhe ensinar a linguagem elementar que lhes permitisse se compreender e conviver. (Kundera, 2017, p. 318)

Educar não é adestrar. Segundo Antônio Bispo dos Santos adestrar e colonizar são a mesma coisa:

Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta. (Bispo dos Santos, 2023, pp. 11-12)

É possível, portanto, relacionarmo-nos sem colonizar, sem adestrar o Outro, humano ou não. O animal, reduzido a “o que”, à coisa, à propriedade humana, nos alerta – pelo simples fato de estar vivo –, que a forma como tratamos os outros viventes se estende à forma como tratamos uns aos outros. Um sintoma de uma sociedade isolada:

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

Essa redução do animal, que tem uma história teórica e econômica, é parte do mesmo processo que isolou o homem em unidades de produção e consumo. Nesse período, com efeito, o modo como se tratavam os animais prefigurava como os homens seriam tratados. A perspectiva mecânica da capacidade de trabalho animal foi mais tarde aplicada aos trabalhadores humanos. F. W. Taylor, que desenvolveu estudos a respeito da relação entre tempo e deslocamento, e a gestão “científica” do trabalho industrial (o “taylorismo”) dizia que o trabalho deveria ser tão “estúpido e fleumático” de modo a tornar o operário, “em sua constituição mental, mais semelhante a um boi do que a qualquer outra espécie”. (Berger, 2021, p. 28)

Mas F. W. Taylor estava esquecendo de alguma coisa, bem sabia o boi de Drummond que vê os homens (Andrade, 2012, p. 25). Reduzir o homem (e o boi), isolá-lo em unidades de produção e consumo, é não enxergar o visível, o óbvio. É faltar o atributo essencial, é se deixar levar à crueldade, à tristeza. É – mais que um vazio interior – um olhar vazio exterior:

[...] Têm, talvez,  
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem  
perdoar a agitação incômoda e o translúcido  
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos  
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme  
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo  
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,  
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade. (Andrade, 2012, p. 25)

109

Difícil também é ruminar a verdade dos animais encarcerados em *zoológicos*. Emoldurados em jaulas, marginalizados, vivem em simulacros débeis de seus *habitats*. Perderam não apenas sua vida, seu modo de estar vivo, mas seu território. Artificial é onde vivem, assim como sua existência.

Segundo John Berger (2021): “Por que esses animais não são tudo aquilo que eu esperava?”, perguntam as crianças visitantes, acostumadas aos animais em telas e brinquedos. Não são, afinal não é possível conhecer a vida do Outro, a vida natural dos bichos, em condições tão artificiais (pp. 36-37). Tudo não passa de uma ilusão, “estamos olhando para algo que se tornou completamente marginal, e por mais que nos concentremos, nada será capaz de lhe devolver a centralidade” (p. 38).

O animal sabe do seu confinamento, sabe os limites de sua “liberdade”. A paisagem cenográfica se soma à insensibilização dos viventes à interação entre espécies, a dependência indesejável de seus tratadores. “Aquilo que antes os movia foi substituído pela espera passiva de uma série de intervenções externas.

## **Liberdade para além do humano**

Filipe Smidt Nunes

Suas respostas naturais a eventos que percebiam ao redor se tornaram tão ilusórias quanto as pradarias pintadas nas janelas” (Berger, 2021, p. 39).

Imunizados contra o encontro (Berger, 2021, p. 41), não se percebe – nos animais aprisionados – o seu verdadeiro olhar, senão por acidente. Não conhecemos o Outro senão no presente de sua sobrevivência orgânica, não artificial:

Seria criminoso e estúpido colocar os vaga-lumes sob um projetor acreditando assim melhor observá-los. Assim como não serve de nada estudá-los, previamente mortos, alfinetados sobre uma mesa de entomologista ou observados como coisas muito antigas presas no âmbar há milhões de anos. Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que esta noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. (Didi-Huberman, 2011, p. 52)

O animal está sozinho, e o homem também. Nem nós mesmo nos vemos muito longe dessa realidade. O desenhista Grandville, conhecido por retratar animais vestidos e em situações humanas, encerra seu primeiro volume com a seguinte recomendação (como cita Berger, 2021, p. 34): “Boa noite, querido leitor. Vá para casa, tranque sua jaula direitinho, durma bem e tenha lindo sonhos. Até amanhã”.

Afinal, em um mundo onde tudo é mercadoria “um passo importante na inversão do indivíduo em (auto)objeto de consumo é a totalização de sua possibilidade de autocompreensão, ou seja, o fechamento de possibilidades relacionais com os outros humanos e não-humanos” (Souza, 2024, p. 38). Estamos, nós mesmos, portanto, sofrendo contínua tentativa de isolamento, de imunização contra o encontro. Alguém duvida que, de bom grado e sem qualquer resistência, nos trancamos em jaulas de paredes coloridas, nos cercamos de plantas em vasos plásticos, trazemos para perto algumas espécies de animais não humanos, apenas para ser mais fácil mantermos a ilusão de que vivemos uma “vida natural”?

Mais uma vez, o que fazemos aos animais é o que fazemos a nós mesmos. Nada está dissociado. “Uma civilização que cada vez mais se distancia do real tende a fazer cada vez mais vítimas, inclusive a si própria” (Yourcenar, 2018, p. 94), nos alerta Marguerite Yourcenar.

“Não farás os animais sofrerem, ou tudo farás para que sofram o menos possível. Eles têm seus direitos e sua dignidade como tu mesmo” é sem dúvida uma admoestação bastante modesta; no estado atual dos espíritos, ela é, ai de nós, quase subversiva. Sejamos subversivos. Revoltemo-nos contra a ignorância, a

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

indiferença, a crueldade, que aliás se voltam tão frequentemente contra o homem depois de se terem exercido à grande sobre os animais. Lembremo-nos, pois é necessário estarmos sempre nos chamando a atenção, que haveria menos crianças mártires se tivesse havido menos animais torturados; menos vagões lacrados para a morte as vítimas de uma ditadura qualquer, se não tivéssemos nos acostumado com os furgões em que os animais agonizam sem alimentação e sem água a caminho dos matadouros; menos caça humana teria sido abatida a tiros se o gosto de matar não fosse o apanágio dos caçadores. E, na humildade medida do possível, mudemos (quer dizer, melhoremos se possível) a vida. (Yourcenar, 2018, p. 97)

A revolta, infelizmente, ainda é tímida. A decorrência lógica de tudo se tornar mercadoria é o Homem se tornar o *dono* do mundo, justificada, inclusive, pela interpretação equivocada da ordem bíblica para *dominar* os peixes, as aves, os animais domésticos, as feras e os répteis, além de *submeter* ou *sujeitar* a Terra (Gn 1, 26-28). Dominar, submeter e sujeitar são impositivos de propriedade e não de proteção/relação. Ao invés de guardiões, tornamo-nos proprietários.

Mas não é essa a cosmovisão de todos. Muitos povos originários não apenas se relacionam com os animais como antepassados, mas, também, com outros sujeitos do mundo natural. Para os Krenak, o rio Doce, chamado por eles de Watu, é uma pessoa, seu avô (Krenak, 2020, p. 40):

(...) excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver – pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como *uma* humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos Terra.

(...) Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ele está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos. (Krenak, 2020, pp. 47-50)

111

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

Também, Antônio Bispo dos Santos (2023) ensina que “na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria” (p. 24). Já passou do tempo de abandonarmos a visão de uma Natureza passiva para um ambiente relacional:

Essa [Gaia], teorizada por diversos autores e autoras (...), é revisitada pelo filósofo francês [Latour] na condição de *anti-terra*, ou a figura de resistência crítica ao projeto de Terra aventado pela modernidade: o de um gigantesco corpo inerte, que sofre acidentes involuntários em escalas geológicas, cuja temporalidade e cujo temperamento estão ontologicamente separados dos humanos. Gaia, por sua vez, é um complexo móvel que envolve diversos organismos e ambientes em interação, um ser ativo que fornece múltiplas condições de existência. Em oposição à natureza dos pensadores modernos, que seria uma essência muda, paisagem ao fundo ou mero recurso para a prosperidade da civilização, Gaia é um sistema complexo agindo em cooperação, e por isso exige atenção e cuidado. (Petrucci, 2024, p. 27)

A Terra é viva, é relação, e não propriedade ou mercadoria. Mas, de fato, parece que Deus tirou férias (Emicida, 2024), como bem canta Emicida, em *Acabou, mas tem...*:

Remete a um roteiro medonho  
O leste desse continente  
A peste é só mero detalhe  
O que aqui não é doente?  
De carta-branca vão demônios  
Dão ombro a vidas inocentes  
E dor nenhuma para o baile  
Quem mata rio vai salvar gente?  
O rico mira Marte, acerta a morte  
Estanca a arte, seca o pote todo  
Passa a boiada, passa o rodo  
Deixa só o nojo, esgoto, lodo  
Choveu água suja no coração do Brasil  
Todo mundo viu  
Ficou noite três da tarde, tio  
E a vida seguiu normal  
Belisque o seu próprio braço e pergunte-se  
Se você ainda é capaz de sentir algo. (Emicida, 2024)

Outras perguntas inofensivas e amedrontadoras ao *status quo* dominante e dominador: quem mata rio vai salvar gente? Você ainda é capaz de sentir algo?

Aqui, faço meu convite: que – inspirados nos cães – busquemos os ossos enterrados para encontrarmos a história escondida, como o cemitério dos Pretos Novos, em Valongo no Rio de Janeiro, retrato da triste e inaceitável história

## **Liberdade para além do humano**

Filipe Smidt Nunes

escravocrata brasileira. Que – como nos recomenda Grandville – possamos voltar para casa, com a consciência (*co-ciência*) de que também estamos em jaulas artificiais criadas para nos manter não apenas seguros, mas também separados e, muitas vezes, inofensivos.

John Berger, ao escrever sobre as fotografias de Pentti Sammallahti, reconhece os cachorros como os *experts* naturais da fronteira entre os interstícios, porque sintonizados com a ordem humana, mas – ao mesmo tempo – com as outras ordens visíveis. Questiona, inclusive, se não foram os cães que levaram o artista até aqueles instantes e lugares escolhidos para as fotografias, já que:

Em cada uma delas, a ordem humana, ainda à vista, deixou de ser central, e escapa. Os interstícios se abriram.

O resultado é perturbador: há mais solidão, mais dor, mais desamparo. E ao mesmo tempo há uma expectativa que eu não experimentava desde a infância, quando falava com os cachorros, ouvia seus segredos e os guardava comigo. (Berger, 2021, p. 16)

As crianças, citadas tantas vezes neste ensaio, também podem nos aproximar destas ordens. “Crianças têm os céus no alcance das mãos”, canta Emicida (2020), mais uma vez.

Parece que devemos ouvir Maya Angelou, escritora de *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, no fim das contas: “a verdade é que nenhum de nós pode ser livre até que todos sejam livres”.

E não apenas os animais. A antropóloga Angeles Arrien, ao elencar uma divisão geopolítica do mundo no século XX, separa o Primeiro Mundo, países industrializados da América do Norte e Europa Ocidental, o Segundo Mundo, bloco das nações socialistas, enquanto os países em desenvolvimento fariam parte do chamado Terceiro Mundo. Por fim, um mundo menos conhecido, o Quarto Mundo, constituído dos povos indígenas despojados do direito ao próprio território.

A diferença entre os mundos, segundo a antropóloga, seria: “O Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos acreditam que ‘a terra pertence ao povo’. O Quarto Mundo acredita que ‘o povo pertence à terra’” (Arrien, 1997, p. 21).

Esta ideia não se distancia da canção Principia, de Emicida (2019), no verso “enquanto a Terra não for livre, eu também não sou”.

É claro, para a maioria estas questões sequer existem. Não é conversa de rua, não estampa manchetes de jornais, é preciso que se “reconheça sério que o

## Liberdade para além do humano

Filipe Smidt Nunes

mal foi sagaz, como um bom cemitério tudo está em paz”, como canta Emicida (2019), em Paisagem.

A lógica dominadora, violenta e invisível, segue tocando a música enquanto todos dançam. E os legisladores não são artistas, como Marguerite Yourcenar, ditando quais leis devemos cumprir. Estamos cada vez mais longe em termos de subversão:

Cidades são aldeias mortas, desafio *nonsense*  
Competição em vão, que ninguém vence  
Pense num formigueiro, vai mal  
Quando pessoas viram coisas, cabeças viram degraus  
No pé que as coisas vão, jão, doideira  
Daqui a pouco resta madeira nem pro caixão  
Era neblina, hoje é poluição  
Asfalto quente queima os pé no chão  
Carros em profusão, confusão  
Água em escassez, bem na nossa vez  
Assim não resta nem as barata (é memo)  
Injustos fazem leis e o que resta procês?  
Escolher qual veneno te mata. (Emicida, 2015)

Mas, talvez, se aprendermos com as crianças e com os bichos a sermos mestres das margens entre a ordem humana e outras ordens visíveis, se aprendermos a usar nossas mãos para alcançar o céu e mantermos o olfato sempre atento à necessidade de cavarmos mais a fundo, exumarmos os ossos em busca do que pretendem nos ocultar, talvez possamos abalar a estrutura artificial que nos mantém afastados:

Será que o Sol sai prum voo melhor?  
Eu vou esperar  
Talvez na primavera  
O céu clareia, vem calor, vê só  
O que sobrou de nós e o que já era  
Em colapso o planeta gira  
Tanta mentira aumenta a ira de quem sofre mudo  
A página vira, o são delira  
Então a gente pira e, no meio disso tudo, tamo tipo  
Passarinhos soltos a voar, dispostos a achar um ninho  
Nem que seja no peito um do outro  
Passarinhos soltos a voar, dispostos a achar um ninho  
Nem que seja no peito um do outro. (Emicida, 2015)

Nossa ancestralidade e nosso futuro dependem disso.

## **Liberdade para além do humano**

Filipe Smidt Nunes

Agora me despeço, revelei a “ferida que oculto sob minhas roupas, mas que toco a cada palavra que pronuncio” (Coetzee, 2002, pp. 32-33), revelei o que trago em meu coração, enquanto assisto ao mundo se decompondo pela janela. Estas palavras, esta relação que eu mantive com elas, é um rezo que faço para que possamos construir dias melhores.

“Eminentes senhores da Academia” (Kafka, 1997, p. 59), me despeço. Voltarei para minha jaula, com outros animais e plantas que me fazem companhia, tentando manter acesa a esperança viva das sobrevivências. Afinal, “quem pode declarar a morte das sobrevivências?” (Didi-Huberman, 2011, p. 64).

Despenco deste voo, cansado, machucado, cheio de dúvidas e pensamentos, acanhado em meio aos meus livros e discos, completamente inofensivo (Emicida, 2015). Até o próximo encontro com Outros, em cujo olhar e peito descubro não apenas um ninho para descansar e recobrar as energias, mas também força para seguir em frente.

### **Bibliografia**

- Andrade, C. D. de (2012). *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Angelou, M. (2018). *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Trad. R. Winarski. Bauru, SP: Astral Cultural.
- Arrien, A. (1997). *O Caminho Quádruplo: trilhando os caminhos do guerreiro, do mestre, do curador e do visionário*. Trad. E. C. Heller. São Paulo: Ágora.
- Auster, P. (1999). *Timbuktu*. Trad. R. Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras.
- Berger, J. (2021). *Por que olhar para os animais?* Trad. P. P. Pimenta. São Paulo: Fósforo.
- Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA.
- Coetzee, J.M (2002). *A vida dos animais*. Trad. J. R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras.
- Derrida, J. (2002). *O animal que logo sou (A seguir)*. Trad. F. Landa. São Paulo: Editora UNESP.
- Didi-Huberman, G. (2011). *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. V. Casa Nova e M. Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Emicida. (2024). *Acabou, mas tem...* (single). São Paulo: Laboratório Fantasma.
- Emicida. (2019). *Cananéia, Iguape e Ilha Comprida*. Em *AmarElo*. São Paulo:

## **Liberdade para além do humano**

Filipe Smidt Nunes

Laboratório Fantasma.

Emicida. (2020). *É tudo pra ontem (single)*. São Paulo: Laboratório Fantasma.

Emicida. (2015). *Passarinhos*. Em *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* São Paulo: Laboratório Fantasma.

Emicida. (2019). *Paisagem*. Em *AmarElo*. São Paulo: Laboratório Fantasma.

Emicida. (2019). *Principia*. Em *AmarElo*. São Paulo: Laboratório Fantasma.

Joy, M. (2014). *Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo*. Trad. M. Molina. São Paulo: Cultrix.

Kafka, F. (1997). *Um médico rural*. Trad. M. Carone. São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Kundera, M. (2017). *A insustentável leveza do ser*. Trad. T. Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras.

Petrucchi, M. (2024). *O Antropoceno: da crise climática à crise do pensamento*. Porto Alegre: Editora Contratempo.

Susin, L. C. Zampieri, G. (2015). *A vida dos outros: ética e teologia da libertação animal*. São Paulo, Paulinas.

Souza, R. T. de (2020). *Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. Porto Alegre, RS: Zouk.

Souza, R. T. de (2016). *Ética como fundamento II: pequeno tratado de ética radical*. Caxias do Sul, RS: Educus.

Souza, R. T. de (2024). *Filosofia da Escravidão*. Porto Alegre, RS: Zouk.

Tolstói, L. (2003). *O diabo e outras histórias*. Trad. B. Morabito, B. Ricci, M. Pinto, A. Pinto Pacheco. São Paulo: Cosac & Naify.

Villarroel, R. (24 de maio de 2024). RS: petshop deixou animais morrerem no subsolo e salvou computadores, diz delegada. *CNN*. Recuperado de: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/rs-petshop-deixou-animais-morrerem-no-subsolo-e-salvou-computadores-diz-delegada/>

Yourcenar, M. (2018). *O tempo, esse grande escultor*. Trad. I. Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

### **FILIPE SMIDT NUNES**

Graduado em Direito pela PUCRS, mestre em Letras - Escrita Criativa - pela PUCRS, e doutorando em Letras - Escrita Criativa – também pela

## **Liberdade para além do humano**

Filipe Smidt Nunes

PUCRS. Estuda e pesquisa as interfaces entre literatura, estudos animais e ambientais, publicando contos e ensaios sobre o tema.